

UM DIVISOR DE ÁGUAS DA VIDA NARRADA: O MOMENTO-CHARNEIRA DA TRAJETÓRIA DE VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA DE FORTALEZA/CE

Victória Sabbado Menezes¹

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa de pós-doutorado e visa analisar como o conceito “momento-charneira” (Josso, 2002, 2014) marca a trajetória pessoal e profissional de professoras/professores de Geografia da educação básica de Fortaleza, gerando reverberações no seu processo identitário. Para tanto, adotou-se o método (auto)biográfico, a metodologia das Histórias de vida, o dispositivo das narrativas (auto)biográficas orais a partir de entrevistas narrativas e o método de análise da compreensão cênica. Realizou uma revisão bibliográfica centrada nos eixos: ensino de Geografia, formação de professores e pesquisa (auto)biográficas. O universo de pesquisa corresponde a duas professoras de escolas municipais, um professor de escola municipal e um professor de escola estadual, de modo que todos atuam no município de Fortaleza. A análise das narrativas, em diálogo com os referenciais teóricos, permitiu refletir que os momentos-charneira são individuais e caracterizam-se pela singularidade da história de vida de cada um(a). Todavia, propiciam lentes analíticas profícuas para a investigação de um objeto social, qual seja: a constituição da identidade docente. Nesse sentido, reconhecer momentos-charneira que representam o divisor de águas no itinerário de vida pessoal e profissional de professores significa considerar o paradigma do sensível expresso pela abordagem (auto)biográfica para também se pensar cientificamente acerca de como os professores de Geografia se (auto)formam ao longo de sua caminhada existencial.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Formação de professores, Pesquisa (auto)biográfica, Momento-charneira.

ABSTRACT

This work is a section of a postdoctoral research project and aims to analyze how the concept of the “turning-point moment” (Josso, 2002, 2014) shapes the personal and professional trajectory of Geography teachers in basic education in Fortaleza, generating reverberations in their identity formation process. To this end, the (auto)biographical method was adopted, employing the methodology of Life Histories, the device of oral (auto)biographical narratives through narrative interviews, and the method of scenic comprehension analysis. A bibliographic review was conducted, focusing on three axes: Geography teaching, teacher education, and (auto)biographical research. The research universe comprises two teachers from municipal schools, one teacher from a municipal school, and one teacher from a state school, all working in the municipality of Fortaleza. The analysis of the narratives, in dialogue with the theoretical frameworks, allowed us to reflect that the turning-point moments are individual and characterized by the singularity of each life story. However, they also provide fruitful analytical lenses for investigating a social object, namely: the constitution of teacher identity. In this

¹ Professora Adjunta do curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: victoriasabbado@gmail.com



sense, recognizing turning-point moments that represent a watershed in the personal and professional life paths of teachers means considering the paradigm of sensitivity expressed by the (auto)biographical approach, in order to also think scientifically about how Geography teachers (self-)educate throughout their existential journey.

Keywords: Geography Teaching; Teacher Education; (Auto)biographical Research; Turning-point Moment.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um recorte de uma pesquisa de pós-doutorado realizada no ano de 2024. Tal investigação objetivou compreender, por meio de narrativas (auto)biográficas, as trajetórias pessoal, escolar, acadêmica e profissional de licenciandas/licenciandos e professoras/professores de Geografia a fim de analisar os processos formativos decorrentes destas e suas implicações nas suas práticas pedagógicas e na construção identitária profissional. Foram analisados os processos auto e heteroformativos que podem ser desencadeados nos diferentes espaços-tempos ao longo da história de vida de licenciandas/licenciandos e professoras/professores de Geografia. Parte-se do princípio que a construção identitária docente não se limita aos espaços institucionais, como a escola e a universidade. Os diferentes espaços da vida dos sujeitos também atuam sobre a constituição de si, de maneira que o pessoal e o profissional se entrelaçam. Desse modo, ancorado no campo da pesquisa (auto)biográfica em Educação e no método (auto)biográfico, concebe-se o percurso de vida como um percurso formativo.

Buscou-se aproximar de licenciandas/licenciandos e professoras/professores de Geografia, no recorte espacial que abrange Fortaleza, para que estas/estes produzissem a sua narrativa (auto)biográfica. Esta é uma fonte de pesquisa, mas também é considerada um dispositivo formativo. Fonte de pesquisa, pois fornece subsídios para compreender a relevância de determinadas memórias de experiências de vida na edificação do ser-saber-fazer docente em Geografia. Também é um dispositivo formativo, uma vez que a narrativa apresenta um caráter autoformativo para o sujeito que a enuncia, pois possibilita a aproximação com o autoconhecimento e a autoavaliação, bem como dispõe de um caráter heteroformativo ao colaborar com reflexões a serem realizadas por aqueles que têm contato com a narrativa de algum professor/professora.

Contudo, o presente trabalho traça um recorte da pesquisa supracitada e apresenta uma delimitação em termos metodológicos e conceituais. Isto é, o enfoque aqui será conferido às narrativas dos professores do ensino básico de Fortaleza e ao conceito de momento-charneira,



o qual foi identificado e analisado nas narrativas destes participantes da pesquisa com a intenção de refletir acerca de como tal conceito marca a trajetória pessoal e profissional dos mesmos, gerando reverberações no seu processo identitário.

A importância acadêmica e social desta pesquisa justifica-se pela escassa produção teórica no campo do ensino de Geografia que está alicerçada na abordagem (auto)biográfica. A área da Educação tem se apropriado da pesquisa (auto)biográfica de forma consistente nas últimas décadas, porém nas pesquisas em ensino de Geografia esta discussão ainda é incipiente. Por conseguinte, compreender e refletir acerca de narrativas (auto)biográficas de professoras/professores de Geografia torna-se necessário na medida em que introduz e fortalece um outro olhar epistemológico de formação. Trata-se de reconhecer como as/os professoras/professores de Geografia se formam ao longo da vida para que se elaborem estratégias e ações que propiciem a qualificação da formação inicial docente, o que terá repercussões no ensino básico com a ressignificação do ensino de Geografia na escola.

METODOLOGIA

O caminho metodológico desta pesquisa, que possui caráter qualitativo, contempla a pesquisa teórica e a pesquisa de campo. A pesquisa teórica consiste em uma revisão bibliográfica referente ao ensino de Geografia, formação inicial de professoras/professores e pesquisa (auto)biográfica. A pesquisa de campo envolve a produção de narrativas (auto)biográficas de duas professoras de Geografia de escolas públicas municipais, um professor de escola pública municipal e um professor de escola pública estadual, sendo todas as instituições localizadas em Fortaleza. Para manter o anonimato, adotou-se nomes que se referem à frutos típicos do Ceará. As professoras serão denominadas de Fisális e Graviola e os professores serão chamados de Caju e Sapoti.

O critério de escolha dos/das professores/professoras de Geografia se deve ao fato de estarem cursando o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) a partir de um convênio estabelecido com a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza e com a Secretaria Estadual de Educação do Ceará, cuja parceria foi criada com a finalidade de qualificar a formação de professoras/professores em Geografia em atuação nas instituições escolares da rede municipal e estadual de ensino.

O método adotado é o método (auto)biográfico e as fontes da pesquisa são as narrativas (auto)biográficas das/dos participantes. A riqueza do método (auto)biográfico está no fato de



ser um instrumento de investigação-formação. De acordo com Nóvoa e Finger (2014, p. 22), este método “permite considerar um conjunto alargado de elementos formadores, normalmente negligenciados pelas abordagens clássicas, e, sobretudo, possibilita que cada indivíduo compreenda a forma como se apropriou desses elementos formadores”. O método propõe que o sujeito identifique na sua trajetória de vida quais foram as suas experiências formadoras.

As narrativas (auto)biográficas das/dos professoras/professores são as fontes de pesquisa, bem como dispositivos formativos. Tratam-se de uma produção discursiva em que os sujeitos rememoram os acontecimentos vivenciados no passado, ressignificam no tempo presente conforme o contexto e suas intencionalidades e ainda projetam um futuro. Logo, a narrativa envolve passado-presente-futuro a partir da ressignificação de memórias dos seus itinerários de vida, de formação e de profissão. A narrativa é considerada uma das fontes da pesquisa (auto)biográfica. Esta “é uma forma de história auto-referente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais. Produzir pesquisa (auto)biográfica significa utilizar-se do exercício da memória como condição sine qua non” (Abrahão, 2004, p. 202).

Para tanto, foram realizadas entrevistas narrativas organizadas em três eixos: itinerário pessoal, itinerário de formação (escolar e acadêmica) e itinerário de profissão (atuação docente). A entrevista narrativa é “considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas” (Jovchelovitch e Bauer, 2002, p. 95).

O método de análise das entrevistas narrativas refere-se à proposta de compreensão cênica de Santamarina e Marinas (1994, p. 272), a qual “se trata de interpretar las historias en los juegos y dimensiones de su entramado (contexto es lo que está tejido-con) pero también de la construcción del sujeto”. Assim, as narrativas serão analisadas em três cenas: a aproximação com o participante, os ditos e os não-ditos (fatos reprimidos ou esquecidos). Esta análise será entrecruzada ao referencial teórico na formulação das considerações e reflexões atinentes ao ensino de Geografia e formação de professores. Cabe salientar que a pesquisa foi submetida e aprovada pela Plataforma Brasil, de modo a respeitar a questão de ética na pesquisa. As entrevistas foram realizadas presencialmente e gravadas, conforme consentimento dos participantes da pesquisa, para posterior transcrição e análise. Cabe salientar que as transcrições foram encaminhadas aos participantes da pesquisa a fim de que pudessem subtrair ou acrescentar algo, de modo que somente após este retorno iniciou-se a análise.



REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa busca tecer uma articulação entre o ensino de Geografia, a formação de professores e a pesquisa (auto)biográfica. O enfoque centra-se em compreender a construção identitária de professores de Geografia da educação básica a partir da análise do conceito de momento-charneira (Josso, 2014) identificado as narrativas (auto)biográficas produzidas pelos mesmos nas entrevistas. Para tanto, cabe refletir acerca das possibilidades que a abordagem (auto)biográfica permite ao pensar a trajetória de vida dos professores e, consequentemente, a constituição de sua identidade pessoal e profissional, as quais estão mutuamente implicadas.

A pesquisa (auto)biográfica tem o intuito de investigar os processos de vir-a-ser dos sujeitos. Ou seja, como se constituem individualmente na relação com o social, quais significados concedem às suas experiências e como estas marcam sua existência. De acordo com Delory-Momberger (2012, p. 73):

A pesquisa biográfica teria, assim, por tarefa compreender como ‘o caminhante constrói a paisagem’ mas, da mesma forma também – visto que é a mesma coisa – como ‘a paisagem constrói o caminhante’, em outras palavras, como o indivíduo, no decurso de suas experiências no tempo, ao mesmo tempo que produz em si mesmo e fora de si mesmo o espaço do social, se constitui a si mesmo como indivíduo singular.

Nesse sentido, a pesquisa (auto)biográfica apresenta uma dimensão temporal e também uma dimensão espacial. A dimensão espacial caracteriza-se por considerar a influência dos espaços da vida social na constituição dos sujeitos. Isso quer dizer que estes não constroem sua individualidade de forma isolada. Há uma relação imanente entre a pessoa e o contexto experiencial. Logo, o contexto sócio-histórico e geográfico vivido interferem na constituição identitária dos sujeitos. Os professores se fazem na escola, na universidade, nos cursos de formação continuada, nos eventos científicos, mas também na família, no sindicato, nos movimentos sociais, na comunidade de que fazem parte, na associação de moradores. O meio social em que está inserido, e sobre o qual também se produz, gera reflexos nas histórias narradas e nas trajetórias geográficas pelos professores.

A dimensão geográfica é indissociável da dimensão temporal. Não é possível pensar numa (auto)biografia em que momentos marcantes de vida estejam descontextualizados e desvinculados de determinados espaços de vivência. Um fato considerado significativo para a formação do sujeito ocorreu não somente em determinada época e período de vida, mas também porque se estava naquele lugar específico. Nesse processo de caminhada permanente de constituição do ser, o sujeito transforma-se enquanto primeira Geografia (eu, corpo), bem como



modifica os espaços do qual faz parte. Por conseguinte, verifica-se uma relação dialética entre o eu individual e o sócio-espacial.

A dimensão temporal é, por excelência, característica inerente à perspectiva (auto)biográfica. No entanto, esta obviedade exige alguns esclarecimentos. Pensar em desenvolver uma pesquisa (auto)biográfica com o intuito de que os sujeitos da pesquisa expressem suas narrativas de si remete à ideia de que o passado dos sujeitos será apresentado. Contudo, cabe ressaltar que o caráter temporal das (auto)biografias não se limita ao passado. O campo da pesquisa (auto)biográfica pauta-se na articulação entre passado, presente e futuro.

As narrativas (auto)biográficas se utilizam da memória a fim de recordar situações, fatos e experiências passadas. Por meio da rememoração pode-se narrar no presente as vivências que foram marcantes de alguma forma e que, no momento contemporâneo, adquirem um sentido e um valor que não necessariamente coincide com o período em que, de fato, foi vivido. Esta representação ressignificada no presente permite projetar um futuro. Assim, a noção de tempo adotada é fundamental para compreender a trama tecida em uma narrativa (auto)biográfica.

O belo e interessante de uma narrativa (auto)biográfica consiste na reconfiguração da ideia de tempo. Uma narrativa não se limita à exposição fria e crua de uma sequência de eventos como uma linha do tempo que respeita rigidamente a cronologia. O tempo cronológico é modificado em tempo humano. Envolve uma trajetória de vida que, ao ser relatada, traz as marcas do sujeito, de sua subjetividade. Ao narrar, as memórias que são lembradas carregam consigo emoções, valores, significados.

A memória é seletiva e corrigida. Assim como algumas memórias são selecionadas para serem arquivadas, armazenadas e relatadas, estas também são alteradas ao longo do tempo no que tange ao sentido atribuído pelo sujeito. Destarte, o narrador não expõe a totalidade de sua vida em uma narrativa (auto)biográfica. Alguns elementos são manifestados e enfatizados, ao passo que outros são ocultos ou relegados ao esquecimento. Portanto, a pesquisa (auto)biográfica considera a memória e o esquecimento.

Compreender a relação passado-presente-futuro em uma narrativa (auto)biográfica significa entender que “ao narrar uma história, lembramos o que pensamos ser e o que gostaríamos de ser, e nossas lembranças trazem aspectos de um passado que moldamos para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais” (Fontoura, 2010, p. 106). O presente molda o passado rememorado conforme as concepções, crenças e interesses atuais com vistas a construir um futuro que alcance as expectativas criadas. Logo, a narrativa (auto)biográfica revela um sujeito em constante devir.



Pode-se afirmar que as narrativas (auto)biográficas no campo da Educação e, neste caso em especial, no âmbito da formação docente, possuem uma contribuição ontológica, pedagógica e política (Bragança, 2016). A dimensão ontológica está associada à formação do ser, de modo que as narrativas são, por excelência, existenciais. A narrativa (auto)biográfica permite o autoconhecimento e o heteroconhecimento, pois a expressão de si possibilita reconhecer-se e socializar este conhecimento com outros que, por sua vez, podem se identificar, problematizar e refletir acerca de sua condição existencial. Além disso, a pesquisa (auto)biográfica ressalta a inseparabilidade entre vida e docência ao partir do pressuposto que a vida representa uma experiência formadora. Narrar é reinventar-se, é ressignificar o que se pensa, o que se sente, o que se diz e como se atua. Portanto, a narrativa (auto)biográfica favorece a ressignificação da primeira Geografia (o eu).

A dimensão pedagógica está atrelada à dimensão ontológica. Há uma contribuição claramente pedagógica, pois envolve as práticas educativas dos sujeitos professores. As narrativas propiciam pôr em questão a atuação docente, os saberes construídos, mobilizados, transformados nas práticas de ensino, a autoavaliação, o reconhecimento das angústias, desafios e potencialidades do fazer pedagógico. As narrativas revelam um caráter formativo e a dimensão biográfica da Educação. Expor seus itinerários de vida possibilita compreender como se constitui enquanto docente e como se caracterizam suas práticas pedagógicas a fim de que estas possam ser repensadas, modificadas e aprimoradas.

A dimensão política não destoa da ontológica e da pedagógica, uma vez que se trata de um ciclo que se retroalimenta. As narrativas (auto)biográficas favorecem momentos de discussão, de reflexão e de projeção futura acerca da profissão docente, o desenvolvimento da autoria e autonomia profissional e o (re)pensar sobre os percursos formativos que conduziram à escolha pela docência. Além disso, a contribuição política destaca-se pelo “entendimento da construção social das identidades; o fortalecimento da construção e a manutenção das coletividades e a visibilidade das redes de relações que vão (re)construindo a identidade profissional” (Bragança, 2016, p. 336). Cabe ainda acrescentar o caráter epistemológico-político no sentido de compor uma crítica à hegemonia do conhecimento científico.

Salienta-se que as narrativas (auto)biográficas assumem importância significativa para a pesquisa em formação docente, pois além de sua possibilidade enquanto metodologia, também se constitui como prática de formação. As narrativas expressam um modo de pensamento, bem como representa um veículo de produção de significado. Ao narrar suas trajetórias, os professores ressignificam suas experiências e se colocam num processo de autoformação. Observa-se que é possível aprender a ser educador sobre e com a própria vida. Sendo assim, as



narrativas contribuem para o conhecimento de si (Souza, 2006). Este conhecimento de si permitirá repensar a condição de profissional docente, sua atuação em sala de aula, sua relação com alunos e colegas e o desenvolvimento de suas práticas de ensino. Esta vigilância sobre si o auxilia na sua constituição como professor pesquisador.

Nesse sentido, a adoção do método (auto)biográfico nesta pesquisa se justifica pelas possibilidades que conduzem à compreensão dos processos de formação dos sujeitos. Contudo, cabe salientar que o caráter formativo das narrativas não está centrado apenas no sujeito que narra. Cada narrativa é singular, única, uma vez que apresenta o relato do vivido de um determinado sujeito. Não obstante, não se pode deixar de considerar que a palavra do outro nos transforma. Nesse sentido, a pesquisa (auto)biográfica coloca em pauta a questão da alteridade. (Re)conhecer o outro, escutar o outro, enxergar o outro, aprender com o outro. Pensar o outro em uma pesquisa científica gera alguns questionamentos. Será que pesquisamos somente para conhecer o outro e, a partir dele, compreender nosso objeto de estudo? Através do outro, vamos aonde? Desvendar nosso problema de pesquisa? Afinal, para que serve o outro em uma pesquisa? Ou melhor, será que sua função é servir? A quem? Para quê? O nosso entendimento é de que importa o processo, a caminhada da pesquisa que, juntamente com os sujeitos da mesma, vamos elaborando reflexões e indagações para problemáticas que nos interessam pelo seu potencial de desacomodação e que também nos fazem repensar a nós mesmos, nossa posição no mundo.

Contrapõe-se à visão utilitarista e extrativista do conhecimento, a qual enxerga os participantes da pesquisa como meras fontes para extrair o conhecimento e eventuais respostas às dúvidas e indagações da investigação. Na pesquisa (auto)biográfica, o sujeito está no centro do processo. O sujeito, carregado de vivências, histórias e trajetórias de vida e de profissão tem valor por si só. Desse modo, pesquisar é formar, pesquisar é formar-se. Além da contribuição mais ampla para a sociedade e para o conhecimento científico, para que mais se pesquisa o outro se não para conhecer a nós mesmos? Santos (2010, p. 83) preconiza que “podemos afirmar hoje que o objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo o conhecimento científico é autoconhecimento.[...] A ciência é, assim, autobiográfica.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Parte-se do pressuposto de que ainda é hegemônico o quadro de um ensino de Geografia marcadamente reprodutivista, descritivo e pouco reflexivo. Tal realidade impõe a necessidade de rever os princípios basilares dos cursos de formação inicial docente. Diante disso, propõe-se



que a qualificação da licenciatura em Geografia não se restrinja a revisão de conteúdos, técnicas e metodologias das/dos professoras/professores formadoras/formadores. Para além disso, torna-se necessária uma mudança epistemológica na concepção de formação docente que fundamenta os saberes e fazeres da licenciatura em Geografia. Esta mudança epistemológica diz respeito à inserção do campo da pesquisa (auto)biográfica nas produções referentes ao ensino de Geografia e formação docente. Esta perspectiva considera as histórias de vida de professoras/professores a fim de buscar “uma epistemologia de formação que, contrapondo-se à racionalidade técnica, mobilize uma racionalidade sensível, incorporando a vida dos sujeitos, em toda a sua complexidade existencial, como componente fundamental do processo formativo” (Bragança, 2011, p. 157).

Desse modo, analisou-se narrativas (auto)biográficas de quatro professoras/professores de Geografia de escolas públicas estaduais e municipais de Fortaleza com o intento de investigar os principais elementos formativos e constituintes de sua identidade profissional oriundos de seu percurso de vida-formação-profissão, com ênfase no reconhecimento e análise do momento-charneira de suas trajetórias. Para tanto, o método (auto)biográfico coloca-se como apropriado para esta pesquisa que objetivou conhecer e analisar histórias de vida e seus reflexos na identidade docente dos sujeitos. Josso (2016, p. 66) assevera que a história de vida está relacionada à oportunidade de “tomadas de consciência sobre as suas diferentes formas de expressão e autorrepresentações, bem como sobre as dinâmicas que orientam a formação”. A produção de narrativas (auto)biográficas significa a elaboração da narrativa de si, da sua narrativa de vida. Ao longo da enunciação, o sujeito lança o olhar para si, conta a sua história e reflete acerca de sua caminhada existencial. Esta prática engendra um processo autorreflexivo, o que contribui para a autoformação da/do narradora/narrador.

Ao analisar as narrativas dos participantes, sobretudo na cena 2 da compreensão cênica que revela as metamemórias (Candau, 2016) dos participantes, isto é, o que se diz das memórias, identificou-se o momento-charneira, conforme define Josso (2014, p. 67):

Tomada na sua globalidade, a narrativa articula períodos da existência que reúnem vários ‘fatos’ considerados formadores. A articulação entre esses períodos efetua-se em torno de ‘momentos charneira’, designados como tal porque o sujeito escolheu – sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou na sua maneira de pensar o seu meio ambiente, e/ou de pensar em si por meio de novas atividades. Esses momentos de reorientação articulam-se com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais (familiares, profissionais, políticos, econômicos).

Destarte, o momento-charneira refere-se ao divisor de águas na trajetória de vida pessoal e profissional do sujeito. Por meio da palavra dada, reconheceu-se o momento-charneira dos



professores: “Quando eu entrei realmente para ser professora, foi aí que eu entendi a realidade deles. É uma realidade cruel e isso que me deu um outro olhar para o magistério. A partir dali eu pensei, não sou só aquela que ministra o conteúdo, mas que faz um pouquinho do dia diferente deles” (Graviola, 2024). A professora Graviola cursou licenciatura em Geografia, mas não pretendia atuar na docência. Contudo, os caminhos da vida lhe fizeram ingressar na profissão, o que resultou no seu momento-charneira enquanto descobertas sobre a profissão e seu autorreconhecimento como professora.

A narrativa de Caju revela: “Eu vou entrar na universidade pública de teimoso. Eu queria ser teimoso, porque eu sabia que o ato de entrar aqui para o meu contexto era revolucionário. Vim pra cá, primeiro dia de aula era um sonho, não acreditava”. A condição social de Caju e sua família colocava a possibilidade de ingresso no ensino superior como um horizonte muito distante ou até inalcançável. Dessa maneira, adentrar no curso de licenciatura em Geografia em uma universidade pública representou um momento-charneira devido aos impactos que esta experiência provocou nos rumos de sua história de vida. Nesse sentido, Josso (2002, p. 175) ressalta que “o ser é vítima de contradições, de oposições, supostas ou reais, que uma decisão pode desanuviar ou tornar de novo suportável”.

A narrativa de Sapoti expressa o seu momento-charneira por meio de uma trama entre a vida pessoal e profissional. Conhecer a sua esposa foi determinante nas tomadas de decisão profissionais que realizou: “Conheci uma menina. E aí minha vida se transformou. Ela fazia faculdade. Rapaz, tenho que voltar a estudar. Aí fiz o curso técnico de Redes no IF. Aí minha esposa: ‘Não, você tem cara de professor de Geografia. Você deveria fazer Geografia’. Eu acabei aceitando o conselho dela e fui fazer.” Desde então, graduado em Geografia, atua na rede estadual de ensino do Ceará e destaca que é realizado profissionalmente. Cabe pontuar que a escolha pela profissão docente em Geografia ocorreu com mais de 40 anos de idade, alterando o curso profissional que seguia até então.

Já o momento-charneira de Fisális é observado na primeira experiência docente, ainda na época de licencianda em Geografia, recém ingressante no curso: “E aí a minha primeira experiência com aula de Geografia foi nesse curso Pré-vestibular com jovens e adultos lá no Bom Jardim, no meu bairro. E assim eu acho que foi decisivo pro restante da história.” Este pré-vestibular era promovido por uma Organização Não-Governamental para atender ao público do referido bairro, o qual é caracterizado pela sua situação de vulnerabilidade social. Assim como Graviola, Fisális não escolheu a licenciatura em Geografia pelo seu apreço à docência, de modo que esta experiência no curso pré-vestibular, marcada pelo papel social desenvolvido pelo mesmo, lhe encantou a assumir a profissão docente.



Segundo Passeggi, Abrahão e Delory-Momberger (2012, p. 43), a potencialidade da narrativa (auto)biográfica centra-se na possibilidade do narrador compreender “as marcas de sua historicidade para ir além da imediatez do tempo cronológico e venha a tomar consciência que pode examinar o passado à luz do presente e projetar-se no futuro: O que me tornou quem sou? Por que penso desse modo? Em que e como posso mudar a minha vida?”. Portanto, reconhecer o momento-charneira da história de vida de professores possibilita refletir sobre os percursos escolhidos e os reflexos destes nos modos de ser e fazer na vida e na profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho enfatizou a relevância do reconhecimento do momento-charneira da trajetória de vida de professores de Geografia da educação básica de Fortaleza a fim de, por meio desta dimensão, compreender elementos basilares da construção identitária dos profissionais docentes. Este reconhecimento nas narrativas (auto)biográfica do outro provoca um caminho de duas vias, visto que também instiga a pesquisadora e eventuais leitores a realizarem o exercício de lançar o olhar para si na busca de uma autorreflexão sobre os itinerários formativos e as escolhas definidas ao longo de sua história, de maneira a ampliar a consciência de si.

Os momentos-charneira, evidenciados nas narrativas docentes, são individuais e caracterizam-se pela singularidade da história de vida de cada um(a). Todavia, propiciam lentes analíticas profícuas para a investigação de um objeto social, qual seja: a constituição da identidade docente. Estas lentes abrem possibilidades de ampliação do olhar para a formação de professores de Geografia, ao contribuir com uma perspectiva, alicerçada no método (auto)biográfico, que concebe a formação do professor em sentido amplo, abrangendo a sua trajetória de vida e os diversos espaços-tempos formativos, institucionais e não-institucionais.

Nesse sentido, reconhecer momentos-charneira que representam o divisor de águas no itinerário de vida pessoal e profissional de professores significa considerar o paradigma do sensível expresso pela abordagem (auto)biográfica para também se pensar cientificamente acerca de como os professores de Geografia se (auto)formam ao longo de sua caminhada existencial. A ampliação do olhar para com a formação docente via estas lentes da perspectiva (auto)biográfica podem enriquecer as discussões e as práticas nos cursos de licenciatura em Geografia. Quiçá, os debates promovidos por pesquisadores que atuam na interface do ensino de Geografia, formação de professores e pesquisa (auto)biográfica conduzam possíveis



momentos-charneira na historiografia da formação de professores de Geografia no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. A formação de professores em trabalhos apresentados no Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento. (Orgs.). **A nova aventura (auto)biográfica**: tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. P. 321-340.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1. Ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. P. 71-84.

FONTOURA, Helena Amaral da. Narrativas de um grupo em constante caminhar: quando contamos nossas histórias de aprendizagem. In: MORAES, Dislane Zerbinatti; LUGLI, Rosario Silvana Gente (Orgs.). **Docência, pesquisa e aprendizagem**: (auto)biografias como espaços de formação/investigação. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010. P. 89-109.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

JOSSO, Marie- Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. 2 ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. P. 57-76.

JOSSO, Marie-Christine. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento. (Orgs.). **A nova aventura (auto)biográfica**: tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. P. 59-89.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa como texto**: imagem e som: um manual. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. P. 90-113.

NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias. Introdução. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. 2 ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. P. 21-29.



PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; DELORY-MOMBERGER, Christine. Reabrir o passado, inventar o devir: a inenarrável condição biográfica do ser. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo II. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. P. 29-57.

SANTAMARINA, Cristina; MARINAS, José Miguel. Historias de vida y historia oral. In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1994. P. 257-285.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.